

## Associação entre níveis de vulnerabilidade ao estresse e variáveis sociodemográficas, laborais e saúde mental de profissionais de enfermagem

### Association between levels of stress vulnerability and sociodemographic, occupational, and mental health variables of nursing professionals

---

**Lara Simone Messias Floriano**ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4801-2767>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: [larasmessias@gmail.com](mailto:larasmessias@gmail.com)**Adriele da Mota de França Pinto**ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3430-8302>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: [adriele080101@gmail.com](mailto:adriele080101@gmail.com)**Gabriel Fernando de Oliveira Juncos**ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7861-0384>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: [gabriel-juncos@hotmail.com](mailto:gabriel-juncos@hotmail.com)**Danielle Bordin**ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7861-0384>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: [bordin.db@gmail.com](mailto:bordin.db@gmail.com)**Luciane Patricia Andreani Cabral**ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9424-7431>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

E-mail: [luciane.pacabral@gmail.com](mailto:luciane.pacabral@gmail.com)**Maurício Wisniewski**ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4237-134X>

Faculdade Sant'Ana, Brasil

E-mail: [prof.mauricio@iessa.edu.br](mailto:prof.mauricio@iessa.edu.br)

---

**RESUMO**

O estresse é associado a sete das dez principais causas de morte globais e o segundo problema de saúde ocupacional mais grave entre os profissionais de enfermagem. Este estudo teve como objetivo avaliar a associação entre os níveis de vulnerabilidade ao estresse e variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde mental de profissionais de enfermagem que trabalham em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Trata-se de um estudo transversal, realizado com 30 profissionais de enfermagem de uma UTI de um hospital filantrópico localizado no Paraná, entre os meses de fevereiro e junho de 2023. Coletaram-se dados por meio de questionário sociodemográfico e o instrumento validado Escala de Vulnerabilidade ao Estresse (EVENT®). Os dados foram tabulados e analisados através dos testes t de Student e ANOVA. Os profissionais de enfermagem apresentaram alta prevalência de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, estando associados aos trabalhadores solteiros, com mais de 5 anos de formação e que tinham como ocupação ser enfermeiros. Esses resultados evidenciam a necessidade imediata de implementar ações direcionadas à redução do estresse nessa categoria profissional.

**Palavras-chave:** Estresse Ocupacional; Profissionais de Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva; Saúde Mental.

---

## ABSTRACT

Stress is associated with seven out of the top ten global causes of death and ranks as the second most severe occupational health issue among nursing professionals. This study aimed to assess the association between stress vulnerability levels and sociodemographic, occupational, and mental health related variables among nursing professionals working in an Intensive Care Unit (ICU). It was a cross-sectional study conducted with 30 nursing professionals from an ICU in a philanthropic hospital located in Paraná, between the months of February and June 2023. Data were collected through a sociodemographic questionnaire and the validated Stress Vulnerability Scale (EVENT®). The data were tabulated and analyzed using Student's t-tests and ANOVA. Nursing professionals exhibited a high prevalence of workplace stress vulnerability, which was associated with unmarried individuals, those with more than 5 years of education, and those occupying the role of nurse. These results underscore the immediate need to implement targeted interventions aimed at reducing stress in this professional category.

**Keywords:** Occupational Stress; Nurse Practitioners; Intensive Care Units; Mental Health.

---

## INTRODUÇÃO

O estresse pode ser caracterizado como uma resposta fisiológica à exposição a novas situações, especialmente aquelas consideradas ameaçadoras. Por outro lado, o estresse ocupacional é identificado como a incapacidade do profissional de se adaptar às demandas existentes no ambiente de trabalho, sendo essas demandas percebidas como ameaçadoras ou desafiadoras (RIBEIRO *et al.*, 2022). Essas condições são frequentes entre trabalhadores da saúde, principalmente na equipe de enfermagem, e acabam se configurando como fatores geradores de morbidades (RIBEIRO *et al.*, 2020).

Os profissionais de saúde enfrentam uma série de desafios que incluem altos níveis de pressão psicológica, extensas jornadas de trabalho e sobrecarga, fatores que, quando combinados, podem resultar em um elevado nível de estresse ocupacional e exaustão, aumentando o risco de falhas e erros fatais no atendimento ao paciente (GALANIS *et al.*, 2021). Especificamente nos profissionais de enfermagem, a situação pode se agravar, já que níveis elevados de ansiedade podem acarretar em uma série de repercussões prejudiciais tanto para o profissional de enfermagem quanto para o paciente hospitalizado (KUNZLER *et al.*, 2020) É imprescindível reconhecer esses desafios e adotar medidas para proteger a saúde física e mental desses profissionais de saúde, garantindo assim uma melhor qualidade do cuidado prestado aos pacientes e a segurança no ambiente hospitalar (APPEL *et al.*, 2022).

Os profissionais de enfermagem que atuam em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) estão sujeitos a uma série de estressores ocupacionais significativos (DINCER; INANGIL, 2021). Esses estressores incluem carga de trabalho excessiva, demandas por tomadas de decisões rápidas e críticas, responsabilidade pelo cuidado de pacientes em estado crítico,

exposição a situações traumáticas, lidar com pacientes e familiares emocionalmente sobrecarregados, ambiente de alta pressão e falta de recursos humanos e materiais, além de conflitos interpessoais (HEESAKKERS *et al.*, 2021). Devido à intensidade desse trabalho, os técnicos e enfermeiros de UTI podem vivenciar emoções negativas, como ansiedade, medo, luto e sentimentos de insuficiência, enquanto muitas vezes não têm tempo para processar adequadamente essas situações devido à alta carga de trabalho (EL KHAMALI *et al.*, 2018).

Em um estudo realizado na Malásia com profissionais de enfermagem de serviços de emergência e UTI, o estresse é associado a sete das dez principais causas de morte global em ambos os sexos, e uma dessas causas, a doença cardiovascular, está diretamente relacionada ao estresse ocupacional (ISA *et al.*, 2019). Segundo Solusaari, Unal e Cinar (2022), após os problemas musculoesqueléticos, o estresse é o problema de saúde ocupacional mais grave entre os trabalhadores de enfermagem. A saúde mental e física desses profissionais, portanto, é fundamental para garantir a qualidade dos serviços de saúde (HAN *et al.*, 2022). Desta forma, este estudo teve como objetivo avaliar a associação entre os níveis de vulnerabilidade ao estresse e variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde mental de profissionais de enfermagem que trabalham em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

## **METODOLOGIA**

Estudo observacional, do tipo transversal, realizado com profissionais de enfermagem que trabalham com pacientes críticos em uma Unidade de Terapia Intensiva de um hospital filantrópico.

### **Comitê de Ética**

A pesquisa obedeceu à Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que aprova as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) pelo parecer número 6.125.159 (CAEE 69820923.2.0000.0105). Após a assinatura do Termo de Autorização para Execução de Pesquisa pelos diretores do hospital filantrópico, os coordenadores das equipes da UTI, agendaram os horários para o período de observação e coleta de dados na instituição. Durante o período de coleta de dados, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual garante o sigilo e anonimato sobre os dados dos constituintes da pesquisa.

### **Local do Estudo**

Estudo realizado em uma Unidade de Terapia Intensiva Adulto de um hospital filantrópico de alta complexidade em saúde, localizado em um município de aproximadamente trezentos e cinquenta mil habitantes, no estado do Paraná. A instituição presta serviços para a comunidade há mais de 100 anos e é responsável por 70% de todos os atendimentos do município. A instituição possui mais de mil funcionários em seu corpo clínico e mais de 170 leitos para internamento, UTI adulto geral, coronariana e neonatal, Centro Cirúrgico, Centro obstétrico, Maternidade, Pronto Atendimento Adulto 24 horas, Terapia Renal Substitutiva, Cardiologia e Hemodinâmica, Centro Oftalmológico, Centro Avançado de Diagnóstico por Imagem, Centro de Especialidades e Laboratório Próprio.

### **Critérios de Seleção**

Foram incluídos no estudo os profissionais técnicos de enfermagem e enfermeiros, que prestassem atendimento a pacientes críticos na UTI Adulto da instituição e que aceitassem participar da pesquisa mediante assinatura do termo de consentimento. Foram excluídos profissionais que não atuassem na área de Enfermagem e indivíduos que não estivessem presentes durante o período da coleta de dados, devido a afastamento médico. Desta forma, da amostra inicial de 38 profissionais de enfermagem, 30 profissionais seguiram os critérios de inclusão, sendo excluídos, ao final, 8 profissionais de enfermagem.

### **Coleta de Dados**

A coleta de dados ocorreu durante o período de 6 de fevereiro a 19 de junho de 2023. Foram coletados dados sociodemográficos dos participantes (sexo, idade, raça, estado civil, tempo de formação e renda), dados laborais (ocupação, tempo de trabalho na instituição, tempo de trabalho na UTI, turno, mudança de turno e se possui outro vínculo empregatício em outra instituição) e dados de saúde mental (transtorno mental e uso de medicamentos psiquiátricos) a partir de uma ficha criada pelos autores, baseadas no estudo de Dias (2020).

Também foi aplicada a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT®), que avalia a influência do cotidiano do trabalho na conduta dos profissionais e relaciona as vulnerabilidades experimentadas pelos trabalhadores com os níveis de estresse medidos pelo instrumento (SISTO *et al.*, 2012). A escala consiste em 40 itens que são medidos a partir da pontuação das respostas “nunca” - zero ponto, “às vezes” - um ponto e “frequentemente” - dois pontos, podendo ter pontuação mínima 0 e máxima de 80. Além disso, o instrumento possibilita medir o nível de estresse dos profissionais a partir de três fatores de vulnerabilidade, sendo elas F1 - Clima e Funcionamento Organizacional (16 itens), F2 - Pressão no Trabalho (13 itens) e F3 - Infraestrutura e Rotina (11 itens). Os pontos atribuídos aos itens da escala são somados e distribuídos em cinco níveis de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, sendo inferior, médio

inferior, médio e médio superior. O instrumento foi validado por meio de dois estudos de evidência, avaliando a diferenciação em cada indivíduo e identificação de variáveis subjacentes ou latentes (SISTO *et al.*, 2012).

Inicialmente, para a coleta de dados, os pesquisadores reconhecerem a área física do hospital, além da observação da assistência da equipe de enfermagem aos pacientes internados na UTI adulto da instituição. Desta forma, os pesquisadores permaneceram em média um período de seis horas em ambos os turnos, diurno e noturno, para obter a completude de toda a equipe da UTI do hospital. Após o primeiro mês de observação, os profissionais de enfermagem, em duplas ou trios, foram convidados a responder as escalas apresentadas em horários previamente agendados, durante a visita familiar, para não interferir no processo de trabalho. Este processo foi necessário para se evitar acúmulo de funções, ausência de profissionais durante os turnos de serviço e demais prejuízos nas tarefas dos trabalhadores.

Esses profissionais foram conduzidos a uma sala afastada de fatores estressores, com ambiente silencioso e climatizado, e todos os materiais necessários para responder aos instrumentos de coleta de dados foram disponibilizados aos participantes. A dupla ou o trio de profissionais foram acolhidos em cadeiras com mesas afastadas entre si por 1 metro de distância, com o objetivo de diminuir possíveis vies na análise dos dados. Foi explicitado a proposta e o objetivo da pesquisa e, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram aplicados os instrumentos de coleta de dados, levando em média 25 minutos para sua conclusão. As dúvidas relativas aos questionários aplicados foram esclarecidas e foram respeitadas as normas de aplicação da escala EVENT® descritas no livro de instrução de Sisto *et al.* (2012).

### **Análise de Dados**

Os dados foram tabulados e categorizados conforme preconizado na literatura. Foram classificadas como variáveis independentes: sexo, idade, raça, estado civil, tempo de formação, renda familiar, ocupação, tempo de trabalho na instituição, tempo de trabalho na UTI, turno, mudança de turno, outro trabalho, transtorno mental e uso de medicamento psiquiátrico. Foi considerada como variável dependente a média do nível de estresse ocupacional mensurado a partir da escala EVENT®.

Para a análise descritiva dos dados, as variáveis categóricas foram expressas em frequências absolutas e relativas e as variáveis numéricas expressas por média e desvio-padrão. Para a análise inferencial, os dados foram inicialmente submetidos aos testes de Shapiro-Wilk, a fim de verificar a normalidade da distribuição dos dados; e o teste de Levene, a fim de verificar a homogeneidade do grupo de dados. Para analisar as diferenças de médias da variável

dependente do estudo, utilizou-se os testes t de Student, para variáveis com duas categorias, e o teste ANOVA e Bonferroni, quando a variável apresentou mais de duas categorias (VIEIRA, 2010). Foram considerados valores com significância estatística quando  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS

Em relação à escala EVENT® aplicada, prevaleceram profissionais de enfermagem classificados com vulnerabilidade médio superior ao estresse no trabalho em todos os fatores analisados (Estresse: 33,3%; F1 - Clima e Funcionamento Organizacional: 26,7%; F2 - Pressão no Trabalho: 36,7%; F3 - Infraestrutura e Rotina: 33,3%). A média, desvio-padrão e classificação do nível de vulnerabilidade ao estresse são expressas na Tabela 1.

**Tabela 1** - Média, desvio-padrão e distribuição dos níveis de vulnerabilidade ao estresse dos profissionais de enfermagem de uma UTI de acordo com a EVENT®, Paraná, 2023 (N=30).

Instrumento	$\bar{X}$	DP	Classificação	n (%)
Estresse	36,63	12,41	Inferior	06 (20,0)
			Médio Inferior	07 (23,3)
			Médio	01 (03,4)
			Médio Superior	10 (33,3)
			Superior	06 (20,0)
F1 - Clima e Funcionamento Organizacional	15,03	06,19	Inferior	06 (20,0)
			Médio Inferior	07 (23,3)
			Médio	03 (10,0)
			Médio Superior	08 (26,7)
			Superior	06 (20,0)
F2 - Pressão no Trabalho	14,03	04,82	Inferior	06 (20,0)
			Médio Inferior	07 (23,3)
			Médio	01 (03,4)
			Médio Superior	11 (36,7)
			Superior	05 (16,6)
F3 - Infraestrutura e Rotina	07,57	03,28	Inferior	06 (20,0)
			Médio Inferior	07 (23,3)
			Médio	01 (03,4)
			Médio Superior	10 (33,3)
			Superior	06 (20,0)

Fonte: Os Autores, 2023.

Com relação aos dados sociodemográficos, as maiores médias de nível de vulnerabilidade ao estresse foram apresentadas pelos profissionais do sexo feminino, com faixa de idade entre 30 a 39 anos, de raça branca e de renda salarial acima de 3 salários mínimos; no entanto, não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias ( $p > 0,05$ ), conforme exposto na Tabela 2. Já em relação ao estado civil, os trabalhadores solteiros apresentaram maiores médias em relação ao Estresse ( $\bar{X} = 42,14$ ;  $p = 0,019$ ), Pressão no Trabalho ( $\bar{X} = 16,43$ ;

**Tabela 2** - Associação dos níveis de vulnerabilidade ao estresse e variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde mental em profissionais de enfermagem que trabalham em UTI, Paraná, 2023.

Variáveis		Estresse			Fator 1		Fator 2		Fator 3	
		n (%)	$\bar{X}$	<i>p</i> -valor						
Sexo	<b>Feminino</b>	24 (80,0)	37,33	0,546	15,17	0,818	14,29	0,567	07,88	0,311
	<b>Masculino</b>	06 (20,0)	35,83		14,50		13,00		06,33	
Idade	<b>20 a 29 anos</b>	11 (36,7)	34,27	0,475	13,36	0,321	14,73	0,671	06,18	0,173
	<b>30 a 39 anos</b>	09 (30,0)	40,89		17,56		14,44		08,89	
	<b>40 anos ou mais</b>	10 (33,3)	35,40		14,60		12,90		07,90	
Raça	<b>Branca</b>	23 (76,7)	35,43	0,346	14,57	0,462	13,52	0,299	07,35	0,517
	<b>Parda</b>	07 (23,3)	40,57		16,57		15,71		08,29	
Estado Civil	<b>Casado</b>	16 (53,3)	<b>31,81</b>	<b>0,019</b>	13,62	0,187	<b>11,94</b>	<b>0,008</b>	<b>06,25</b>	<b>0,016</b>
	<b>Solteiro</b>	14 (46,7)	<b>42,14</b>		16,64		<b>16,43</b>		<b>09,07</b>	
Tempo de Formação	<b>Até 5 anos</b>	13 (43,3)	31,92	0,068	<b>12,46</b>	<b>0,044</b>	13,00	0,313	06,46	0,107
	<b>Acima de 5 anos</b>	17 (56,7)	40,24		<b>17,00</b>		14,82		08,41	
Renda Salarial	<b>Até 3 salários</b>	20 (66,7)	34,35	0,158	13,70	0,096	13,70	0,601	06,95	0,148
	<b>Acima de 3 salários</b>	10 (33,3)	41,20		17,70		14,70		08,80	
Ocupação	<b>Enfermeiro</b>	04 (13,3)	<b>48,50</b>	<b>0,037</b>	<b>20,50</b>	<b>0,049</b>	<b>19,00</b>	<b>0,024</b>	09,00	0,356
	<b>Téc. Enfermagem</b>	26 (86,7)	<b>34,81</b>		<b>14,19</b>		<b>13,27</b>		07,35	
Tempo de Trabalho na Instituição	<b>Até 5 anos</b>	20 (66,7)	34,75	0,246	13,60	0,072	14,05	0,979	07,10	0,278
	<b>Acima de 5 anos</b>	10 (33,3)	40,40		17,90		14,00		08,50	
Tempo de Trabalho na UTI	<b>Até 5 anos</b>	16 (53,3)	33,62	0,159	13,25	0,091	13,38	0,434	07,00	0,320
	<b>Acima de 5 anos</b>	14 (46,7)	40,07		17,07		14,79		08,21	
Turno	<b>Diurno</b>	15 (50,0)	34,13	0,277	13,60	0,210	13,60	0,631	06,93	0,298
	<b>Noturno</b>	15 (50,0)	39,13		16,47		14,47		08,20	
Mudança de Turno	<b>Sim</b>	14 (46,7)	38,43	0,468	16,21	0,337	14,29	0,794	07,93	0,581
	<b>Não</b>	16 (53,3)	35,06		14,00		13,81		07,25	
Outro Trabalho	<b>Sim</b>	18 (60,0)	37,50	0,648	15,72	0,465	13,83	0,786	07,94	0,449
	<b>Não</b>	12 (40,0)	35,33		14,00		14,33		07,00	
Transtorno Mental	<b>Sim</b>	05 (16,7)	38,60	0,705	15,00	0,990	15,40	0,497	08,20	0,644
	<b>Não</b>	25 (83,3)	36,24		15,04		13,76		07,44	
Medicamento Psiquiátrico	<b>Sim</b>	04 (13,3)	41,25	0,434	15,75	0,808	16,25	0,332	09,25	0,277
	<b>Não</b>	26 (86,7)	35,92		14,92		13,69		07,31	

Fonte: Os Autores, 2023.

p=0,008) e Infraestrutura e Rotina ( $\underline{X}$ = 09,07; p=0,016) do que profissionais casados, com diferença estatisticamente significativa. O Tempo de Formação também apresentou diferença entre as médias estatisticamente significativa em relação ao fator Pressão no Trabalho, onde os profissionais com tempo de formação acima de 5 anos ( $\underline{X}$ = 17,00) tiveram maiores níveis de vulnerabilidade ao estresse do que profissionais formados em até 5 anos ( $\underline{X}$  = 12,46; p=0,044).

Já em relação aos dados laborais, os profissionais enfermeiros apresentaram média de vulnerabilidade de estresse significativamente maior nos fatores Estresse ( $\underline{X}$  = 48,50; p=0,037), Clima e Funcionamento Organizacional ( $\underline{X}$ = 20,50; p=0,052) e Pressão no Trabalho ( $\underline{X}$ = 19,00; p=0,024) do que profissionais técnicos de enfermagem. Além disso, os profissionais de enfermagem que apresentaram maiores níveis de vulnerabilidade ao estresse possuíam tempo de trabalho na instituição acima de 5 anos, tempo de trabalho na UTI acima de 5 anos, trabalhavam no turno noturno, realizaram mudança de turno e tinham outro vínculo empregatício; no entanto, estas variáveis não apresentaram diferenças entre as médias estatisticamente significativas (p>0,05), como evidenciados na Tabela 2.

No que se refere aos dados de saúde mental, os trabalhadores com transtornos mentais e que utilizavam medicamentos psiquiátricos apresentaram maiores médias de vulnerabilidade ao estresse, mas não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias analisadas, conforme a Tabela 2.

## DISCUSSÃO

Os profissionais de enfermagem que trabalham em UTI avaliados durante o presente estudo apresentaram alta prevalência de vulnerabilidade ao estresse em todos os fatores analisados pela escala EVENT®, sendo a prevalência de vulnerabilidade ao estresse maior no fator Pressão no Trabalho. Este achado é corroborado pelo estudo de Matos e Araújo (2021), que avaliou a vulnerabilidade ao estresse no trabalho pela escala EVENT® em 80 profissionais de saúde residentes e empregados públicos de um hospital localizado em Sergipe, onde o escore geral analisado também foi classificado como médio superior na escala, evidenciando alta vulnerabilidade ao estresse no trabalho.

Os profissionais de enfermagem que trabalham em UTI são reconhecidamente expostos a maiores níveis de estresse relacionado ao trabalho, experimentando uma alta prevalência de sintomas de sofrimento mental; a taxa de prevalência relatadas por

enfermeiros de UTI de sintomas de ansiedade é de 18% (HEESAKKERS *et al.*, 2021). Em um estudo caso-controle realizado no Egito com 80 trabalhadores de cuidados intensivos e 80 controles que trabalham em ambulatório, 32,5% dos trabalhadores de cuidados intensivos apresentavam sofrimento psicológico grave em comparação com apenas 5% do grupo controle, associado a uma diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ) (ELDIN *et al.*, 2021).

No presente estudo, os profissionais de enfermagem apresentaram maior vulnerabilidade ao estresse no Fator 2 - Pressão no Trabalho, o qual envolvia questões sobre o acúmulo de funções e trabalho, à responsabilidade excessiva de funções e à cobrança extrema. Estes impactos negativos à saúde dos funcionários podem estar relacionados à alta carga de trabalho, longas jornadas e falta de autonomia dos profissionais de enfermagem (HOSSEINI *et al.*, 2022). Além disso, de acordo com a pesquisa de Novaes Neto, Xavier e Araújo (2020), maiores níveis de estresse ocupacional em profissionais de enfermagem podem estar relacionados ao vínculo empregatício destes trabalhadores. Segundo esse autor, os vínculos empregatícios temporários e vínculos que não garantem os direitos trabalhistas, como folga e férias remuneradas, podem gerar incertezas sobre a continuidade do profissional no mercado de trabalho e sobrecarga psicológica ou esgotamento físico ao buscarem mais de um vínculo empregatício devido à baixa remuneração destes profissionais.

Entre os dados sociodemográficos analisados, os profissionais de enfermagem solteiros apresentaram maiores médias de nível de vulnerabilidade ao estresse nos fatores Estresse ( $p=0,019$ ), Pressão no Trabalho ( $p=0,008$ ) e Infraestrutura e Rotina ( $p=0,016$ ). Na literatura, existem achados contraditórios sobre a associação entre transtornos mentais e o estado civil; ou seja, existem estudos que afirmam que os indivíduos solteiros estão associados a maiores níveis de estresse e burnout, enquanto em outras pesquisas esta associação ocorre com os indivíduos casados (CAÑADAS-DE LA FUENTE *et al.*, 2018).

Segundo o estudo de Santana, Ferreira e Santana (2020), realizado com 124 profissionais de enfermagem de um hospital universitário em Minas Gerais, maiores níveis de estresse ocupacional foram encontrados em trabalhadores sem companheiros ( $p=0,88$ ) e com filhos ( $p=0,47$ ), mas os dados não apresentaram significância estatística. Já no estudo de Lemos, Pinheiro e Ohara (2022), realizado com 114 profissionais de enfermagem em um hospital na Bahia, os profissionais casados foram aqueles que apresentaram moderado ou alto grau de estresse no trabalho, também sem significância estatística ( $p=0,446$ ).

De acordo com Fallahchai (2021), o estado civil casado pode ser um fator protetor a altos níveis de estresse ocupacional em profissionais de enfermagem, pois em relacionamentos conjugais onde ambos os parceiros demonstram apoio emocional ao seu companheiro, o enfrentamento ao estresse pode ser facilitado. Segundo o mesmo autor, a comunicação efetiva dentro do relacionamento pode moderar os efeitos negativos gerados pelo estresse ocupacional, afetando positivamente a qualidade de vida destes profissionais e o enfrentamento de sentimentos negativos relacionados ao estresse (FALLAHCHAI, 2021).

Dos dados sociodemográficos analisados, os profissionais de enfermagem com mais de 5 anos de formação apresentaram maiores médias de nível de vulnerabilidade ao estresse segundo o fator Clima e Funcionamento Organizacional ( $p=0,044$ ). Este achado é corroborado pelo estudo de Fuzinelli e Cardoso (2022), que aplicou a escala EVENT® em 483 profissionais de enfermagem de instituições hospitalares localizados no estado de São Paulo, onde maiores médias de nível de vulnerabilidade ao estresse foi observado em profissionais de enfermagem com tempo de formação acima de 10 anos associados ao fator Infraestrutura e Rotina ( $p=0,004$ ). Já no estudo de Mota *et al.* (2021), realizado com 54 profissionais de enfermagem em um hospital na cidade de Salvador, os profissionais com tempo de formação de 1 à 10 anos foram associados a maiores níveis de estresse ocupacional ( $p=0,05$ ).

As diferenças significativas entre os níveis de estresse encontrados entre enfermeiros com menor e maior tempo de formação pode ser justificado mediante o estudo de Mazzella-Ebstein *et al.* (2021), realizado com 114 enfermeiros que atuavam em um centro oncológico localizado nos Estados Unidos. Segundo este autor, enfermeiros com mais de 5 anos de formação utilizavam estratégias de enfrentamento ao estresse focado no autocontrole de suas emoções ( $p=0,043$ ) e resolução planejada de problemas ( $p<0,001$ ), enquanto enfermeiros recém-formados utilizavam o enfrentamento ao estresse focado no problema, utilizando a técnica de aceitação de suas responsabilidades ( $p=0,006$ ).

Entre os dados laborais analisados, os profissionais enfermeiros apresentaram maiores médias de nível de vulnerabilidade ao estresse nos fatores Estresse ( $p=0,037$ ), Clima e Funcionamento Organizacional ( $p=0,049$ ) e Pressão no Trabalho ( $p=0,024$ ) quando comparados aos técnicos de enfermagem. Este achado contraria o estudo de Chowdhury *et al.* (2021), que avaliou os sintomas de saúde mental de 565 enfermeiras de Bangladesh, onde o cargo profissional dos trabalhadores de enfermagem analisados não

foi associado a maiores níveis de ansiedade ( $p=0,142$ ). Segundo o estudo de Vega *et al.* (2023), realizado com 162 profissionais de enfermagem de um hospital no sul do Brasil, o cargo profissional também não foi associado à maior percepção de estresse por enfermeiros, auxiliar ou técnicos de enfermagem ( $p=0,57$ ); no entanto, os enfermeiros com maior grau de escolaridade apresentaram níveis mais elevados de ansiedade quando comparados aos profissionais de nível médio ( $p=0,05$ ).

Em um estudo realizado na Grécia, constatou-se que enfermeiros tinham 3,44 a 4,24 maior probabilidade de apresentar sintomas de ansiedade do que auxiliares de enfermagem, relacionado principalmente ao maior nível de responsabilidade, autocrítica e expectativa profissional (TSARAS *et al.*, 2018). O profissional enfermeiro é o responsável por, além de executar os serviços assistenciais como os técnicos de enfermagem, de liderar a equipe de enfermagem, planejar e avaliar a assistência prestada, gerenciar materiais e a estrutura para os atendimentos e mediar conflitos, que podem estar relacionados a maiores níveis de estresse nesta categoria profissional (SCHULTZ *et al.*, 2022).

Com relação aos dados de saúde mental, no presente trabalho identificou-se que não houve diferença significativa das médias do nível de vulnerabilidade ao estresse ocupacional na variável transtorno mental e a variável uso de medicamento psiquiátrico ( $p>0,05$ ). Este achado pode estar relacionado ao sub diagnóstico de transtornos mentais nesses trabalhadores, que pode ser proporcionado pela falta de auto percepção ou desconhecimento de sinais e sintomas dos transtornos mentais e seus fatores predisponentes pelos profissionais de enfermagem e a falta de preocupação com a própria saúde, negligenciando a busca por tratamento psicológico adequado, seja com psicólogo ou psiquiatra, e o uso de fármacos para a diminuição dos níveis de estresse ocupacional (JARRUCHE; MUSSI, 2021; FROTA *et al.*, 2021).

Frente ao exposto, evidencia-se alta prevalência de estresse ocupacional e burnout entre profissionais de enfermagem que trabalham em UTI, requerendo, deste modo, a urgente necessidade de intervenções voltadas para a saúde mental dessa população (IMAMURA *et al.*, 2019). Segundo Kuribayashi *et al.* (2022), o estresse ocupacional a longo prazo entre os profissionais de enfermagem pode gerar problemas de saúde física e psicológica como insônia, fadiga, distúrbios endócrinos, diabetes e obesidade, além de efeitos adversos nas atividades laborais destes trabalhadores, como o aumento do absentismo e da rotatividade no local do trabalho, bem como a deterioração da qualidade dos cuidados prestados pelos profissionais de enfermagem.

Desta forma, o psicólogo tem um papel fundamental na aplicação de técnicas responsáveis por aliviar o esgotamento e o estresse e aumentar o bem-estar destes profissionais, como técnicas de respiração diafragmática, relaxamento muscular progressivo, treinamento autógeno, biofeedback, terapia cognitivo-comportamental e programas educacionais (SULOSAARI; UNAL; CINAR, 2022). Além do aprimoramento da capacidade individual de lidar com o estresse, os gestores de saúde também possuem responsabilidade em realizar intervenções que modifiquem o ambiente de trabalho, a organização, infraestrutura e rotina dos serviços prestados pelos profissionais de enfermagem (EL KHAMALI *et al.*, 2018).

Entre as limitações da presente pesquisa, destaca-se a característica da coleta de dados por um recorte transversal, que não possibilita estabelecer uma relação temporal com os dados analisados, bem como a pequena amostra obtida, que reflete uma realidade local, já que foram analisados profissionais de enfermagem de apenas uma UTI de uma instituição filantrópica. Apesar dessas limitações, o estudo é relevante por destacar as vulnerabilidades ao estresse enfrentadas pelos profissionais de enfermagem, que estão associadas a diversos fatores. Esses achados podem contribuir para a elaboração de intervenções direcionadas à promoção efetiva da saúde mental dentro desta categoria profissional, mostrando-se fundamental reconhecer que, apesar das restrições metodológicas, os resultados obtidos ainda fornecem informações valiosas para a compreensão e melhoria do bem-estar desses profissionais essenciais para o sistema de saúde.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente estudo, foi observado que os profissionais de enfermagem que atuam em UTI, analisados por meio da escala EVENT®, apresentaram maior prevalência nos níveis de vulnerabilidade ao estresse classificados como médio superior. Além disso, verificou-se que os profissionais apresentaram maiores taxas de ansiedade quando eram solteiros, tinham mais de 5 anos de formação e exerciam a função de enfermeiros. Esses resultados evidenciam a necessidade imediata de implementar ações direcionadas à redução do estresse nessa categoria profissional. Intervenções como psicoeducação e educação continuada podem desempenhar um papel crucial na melhoria do bem-estar desses profissionais, tornando-se cada vez mais imprescindíveis para essa população. Investir na saúde mental desses profissionais não apenas beneficiará sua qualidade de vida e bem-estar, mas também contribuirá para um melhor atendimento e cuidado aos

pacientes, fortalecendo, assim, todo o sistema de saúde. É fundamental reconhecer o papel essencial desempenhado pelos profissionais de enfermagem em ambientes tão desafiadores como as UTIs e assegurar que eles recebam o suporte e a atenção necessários para enfrentar as demandas emocionais e psicológicas dessa atividade tão exigente. Dessa forma, estar-se-á não apenas cuidando do bem-estar dos profissionais, mas também promovendo uma assistência de saúde de qualidade para a comunidade atendida.

## REFERÊNCIAS

- APPEL, A. P.; CARVALHO, A. R. S.; SANTOS, R. P.; TONINI, N. S. ANXIETY , DEPRESSION AND STRESS AMONG NURSING PROFESSIONALS AGAINST THE CORONAVIRUS PANDEMIC. **Enfermagem Atual In Derme**, v. 98, n. 39, 2022.
- CAÑADAS-DE LA FUENTE, G. A.; ORTEGA, E.; RAMIREZ-BAENA, L.; DE LA FUENTE-SOLANA, E. I.; VARGAS, C.; GÓMEZ-URQUIZA, J. L. Gender, Marital Status, and Children as Risk Factors for Burnout in Nurses: A Meta-Analytic Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 15, n. 10, 2018.
- CHOWDHURY, S. R.; SUNNA, T. C.; DAS, D. C.; KABIR, H.; HOSSAIN, A.; MAHMUD, S.; AHMED, S. Mental health symptoms among the nurses of Bangladesh during the COVID-19 pandemic. **Middle East Current Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 1–8, 2021.
- DIAS, J. P. **Estressores ocupacionais, burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa em profissionais da enfermagem**. Dissertação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2020.
- DINCER, B.; INANGIL, D. The effect of Emotional Freedom Techniques on nurses' stress, anxiety, and burnout levels during the COVID-19 pandemic: A randomized controlled trial. **J Clin Virol**, v. 17, n. 2, p. 109–114, 2021.
- EL KHAMALI, R.; MOUACI, A.; VALERA, S.; CANO-CHERVEL, M.; PINGLIS, C.; SANZ, C.; ALLAL, A.; ATTARD, V.; MALARDIER, J.; DELFINO, M.; D'ANNA, F.; ROSTINI, P.; AGUILARD, S.; BERTHIAS, K.; CRESTA, B.; IRIDE, F.; REYNAUD, V.; SUARD, J.; SYJA, W.; ... SUDOUR, P. Effects of a multimodal program including simulation on job strain among nurses working in intensive care units a randomized clinical trial. **JAMA - Journal of the American Medical Association**, v. 320, n. 19, p. 1988–1997, 2018.
- ELDIN, A. S.; SABRY, D.; ABDELGWAD, M.; RAMADAN, M. A. Some health effects of work-related stress among nurses working in critical care units. **Toxicol Ind Health**, v. 37, n. 3, p. 142–151, 29 Jan. 2021.
- FALLAHCHAI, R. Occupational stress, dyadic adjustment and quality of work-life in married nurses: Moderating effects of dyadic coping. **International journal of nursing practice**, v. 28, n. 1, 2022.

FUZINELLI, J. P. D.; CARDOSO, H. F. Estressores na Enfermagem: Associação com Variáveis Sociodemográficas, Burnout e Suporte Laboral. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 22, n. 4, p. 2253–2259, 2022.

GALANIS, P.; VRAKA, I.; FRAGKOU, D.; BILALI, A.; KAITELIDOU, D. Nurses' burnout and associated risk factors during the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Advanced Nursing**, v. 77, n. 8, p. 3286–3302, 2021.

HAN, J.; ZHANG, L.; LIU, Y.; ZHANG, C.; ZHANG, Y.; TANG, R.; BI, L. Effect of a group-based acceptance and commitment therapy programme on the mental health of clinical nurses during the COVID-19 sporadic outbreak period. **Journal of Nursing Management**, v. 30, n. 7, p. 3005–3012, 2022.

HEESAKKERS, H.; ZEGERS, M.; VAN MOL, M. M. C.; VAN DEN BOOGAARD, M. The impact of the first COVID-19 surge on the mental well-being of ICU nurses: A nationwide survey study. **Intensive and Critical Care Nursing**, v. 65, p. 103034, 2021.

HOSSEINI, S.; GOTTUMUKKALA, R.; KATRAGADDA, S.; BHUPATIRAJU, R. T.; ASHKAR, Z.; BORST, C. W.; COCHRAN, K. A multimodal sensor dataset for continuous stress detection of nurses in a hospital. **Scientific Data**, v. 9, n. 1, 2022.

IMAMURA, K.; TRAN, T. T. T.; NGUYEN, H. T.; KURIBAYASHI, K.; SAKURAYA, A.; NGUYEN, A. Q.; BUI, T. M.; NGUYEN, Q. T.; NGUYEN, K. T.; NGUYEN, G. T. H.; TRAN, X. T. N.; TRUONG, T. Q.; ZHANG, M. W. B.; MINAS, H.; SEKIYA, Y.; SASAKI, N.; TSUTSUMI, A.; KAWAKAMI, N. Effects of two types of smartphone-based stress management programmes on depressive and anxiety symptoms among hospital nurses in Vietnam: a protocol for three-arm randomised controlled trial. **BMJ Open**, v. 9, n. 4, p. e025138, 2019.

ISA, K. Q.; IBRAHIM, M. A.; ABDUL-MANAN, H. H.; MOHD-SALLEH, Z. A. H.; ABDUL-MUMIN, K. H.; RAHMAN, H. A. Strategies used to cope with stress by emergency and critical care nurses. **British Journal of Nursing**, v. 28, n. 1, p. 38–42, 2019.

JARRUCHE, L. T.; MUCCI, S. Burnout syndrome in healthcare professionals: an integrative review. **Revista Bioética**, v. 29, n. 1, p. 162–173, 26 Apr. 2021.

KUNZLER, A. M.; HELMREICH, I.; CHMITORZ, A.; KÖNIG, J.; BINDER, H.; WESSA, M.; LIEB, K. Psychological interventions to foster resilience in healthcare professionals. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 2020, n. 7, 2020.

LE MOS, S. S.; PINHEIRO, A. L. S.; OHARA, D. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem em um hospital no interior do sul da Bahia-Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 6, p. e10207–e10207, 2022.

MATOS, R. L.; ARAÚJO, M. R. M. Vulnerabilidade ao Estresse e Estratégias de Enfrentamento: um Estudo Comparativo no Ambiente Hospitalar. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 65–81, 2021.

MAZZELLA-EBSTEIN, A.; TAN, K.; PANAGEAS, K.; ARNETZ, J.; BARTON-BURKE, M. The Emotional Intelligence, Occupational Stress, and Coping Characteristics by Years of Nursing Experiences of Newly Hired Oncology Nurses.

**Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 8, n. 4, p. 352, 2021.

MOTA, R. S.; SILVA, V. A.; BRITO, I. G.; BARROS, Â. S.; SANTOS, O. M. B.; MENDES, A. S.; SOUZA, L. C.; MOTA, R. S.; SILVA, V. A.; BRITO, I. G.; BARROS, Â. S.; SANTOS, O. M. B.; MENDES, A. S.; SOUZA, L. C. ESTRESSE OCUPACIONAL RELACIONADO À ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 2021.

NOVAES NETO, E. M.; XAVIER, A. S. G.; ARAÚJO, T. M. Factors associated with occupational stress among nursing professionals in health services of medium complexity. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. e20180913, 2020.

RIBEIRO, Í. A. P.; ROCHA, D. de M.; OLIVEIRA, A. L. C. B. de; RIBEIRO, A. A. A.; GUIMARÃES, M. R.; FERNANDES, M. A.; PILLON, S. C. Estresse ocupacional e saúde mental de trabalhadores da saúde no cenário da COVID-19: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 24, p. 70783, 2022.

RIBEIRO, K. V.; PEIXOTO, E. M.; VELASQUE, L. de S.; VIEIRA, G. C.; OLIVEIRA, E. B. de; PASSOS, J. P. Estresse ocupacional e fatores estressores em enfermeiros de unidades de internação clínica. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 44, n. 2, p. 81–94, 2020.

SANTANA, L. C.; FERREIRA, L. A.; SANTANA, L. P. M. Occupational stress in nursing professionals of a university hospital. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020.

SCHULTZ, C. C.; COLET, C. de F.; BENETTI, E. R. R.; TAVARES, J. P.; STUMM, E. M. F.; TREVISO, P. Resilience and the reduction of occupational stress in Nursing. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, p. e3636, 2022.

SISTO, F. F.; BAPTISTA, M. N.; NORONHA, A. P. P.; SANTOS, A. A. A. **Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT): Manual**. São Paulo: Vetor, 2012.

SULOSAARI, V.; UNAL, E.; CINAR, F. I. The effectiveness of mindfulness-based interventions on the psychological well-being of nurses: A systematic review. **Applied Nursing Research**, v. 64, p. 151565, 2022.

TSARAS, K.; PAPATHANASIOU, I. V.; VUS, V.; PANAGIOTOPOULOU, A.; KATSOU, M. A.; KELESI, M.; FRADELOS, E. C. Predicting Factors of Depression and Anxiety in Mental Health Nurses: A Quantitative Cross-Sectional Study. **Medical Archives**, v. 72, n. 1, p. 62–67, 2018.

VEGA, E. A. U.; MACEDO, A. B. T.; ANTONIOLLI, L.; PINHEIRO, J. M. G.; ESTEBAN, A. N. P.; DE SOUZA, S. B. C. Levels of Anxiety and Stress Experienced by Nurses in Inpatient Units. **Aquichan**, v. 23, n. 1, p. e2316–e2316, 2023.

VIEIRA, S. **Bioestatística: Tópicos Avançados**. 3 ed. Rio de Janeiro: GEN Atlas, 2010.